

SYLVIO JULIO

BOLÍVAR E SUCRE



1927

REVISTA DE LINGUA PORTUGUEZA
RIO DE JANEIRO

Ao eminente historiador
 e literato Sr. Eduardo
 Posada, grande admirador
 de Bolívar, o genio dos genios,
 e de Sucre, cuja pureza ma-
 ral tem qualquer scenten-
 cha divina.

Sybio Julio

Reio de Janeiro.

Botafôgo.

Real Grandeza 80,
Casa 5.

SYLVIO JULIO

BOLÍVAR E SUCRE



1927

REVISTA DE LINGUA PORTUGUEZA

RIO DE JANEIRO

A 28 de Maio de 1927, no salão nobre do Club Militar, perante numeroso auditorio de officiaes do Exercito e da Armada, professores, estudantes, jornalistas, literatos, diplomatas, etc., falei a respeito de Antonio José de Sucre.

A 23 de Julho do mesmo anno, no mesmo lugar e a um maior auditorio do mesmo valôr, tratei de Bolívar.

Ambas as conferencias pronunciei-as graças á iniciativa da Sociedade Literaria do Collegio Militar e do Exmo. Snr. Dr. José Abel Montilla, honrado, fidalgo e culto representante da Venezuela no Brasil.

Agora as manda imprimir o meu digno mestre e nobre amigo Snr. Dr. Laudelino Freire, illustre membro da Academia de Letras e incansavel director da REVISTA DE LINGUA PORTUGUEZA.

A todos, minha sincera gratidão.

BOLÍVAR

TEMPERAMENTOS tropicaes, personalíssimos, arrebatadores, que se sobrepõem a todos os elementos e a todos os semelhantes, não podem os de alguns próceres americanos medir-se pelo mesmo padrão que cabe applicar á vulgaridade. Homens dotados de qualidades divinas, esses heróes rompem, esmagam, derrubam os muros que comprimem o espirito e o corpo das maiorias informes. Elles nasceram para a metáphora, que destróe os limites da regra; para o canto livre, que esmaga, em seu arrojo, a sobriedade académica; para a luz e para a treva, para o calor da zona tórrida e para o frio polar, para a decisão que cria, e robustece, e impõe a nova ordem.

Cumpre não esquecer o axioma de Gracián:

“Fome é de um gigante a indigestão de um enano.”

Conquista immensa exige formidavel esforço. Apanhar pássaros franzinos differe de caçar leões. Eis por que motivo o burguez pccato, que vive da esperteza e da simulação, nunca sentio, nem sentirá jamais o que de nobre, elevado, difficil palpita no sonho dos eleitos.

Quem não é capaz de empresas sublimes, e não possui coração magnánimo, e não aspira a vôos de aguia, está impedido de encarar esse clarão na crista da montanha, cuja força escancara as portas do futuro ás gerações que nascem. Quem não se alcandora a regiões inacessiveis não vê, em seu absoluto esplendor, a prodigiosa chamma que nutrio e consummío a alma do maior dos filhos do nosso continente: a enerespada lingua de fogo que fala aos séculos pela ação e pela palavra de Simón Bolívar!

Cae aquí, á maravilha, a sentença de José Martí:

“Com calma não se pode falar daquelle que nella jamais viveu: de Bolívar se pode falar com uma montanha por tribuna, ou entre

relâmpagos e raios, ou com um punhado de povos livres ás mãos e aos pés a tyrannía degollada!"

Realmente, o que praticou Bolívar durante sua existencia, o que Bolívar executou de assombroso e único em pról da democracia, da república e da liberdade, não só justifica o conceito do cubano impolluto, como o do pensador peruano Francisco García Calderón:

"Bolívar é general e estadista, tão grande nos congressos como nas batalhas. E' superior a todos os caudilhos como político. E' um tribuno. E' o pensador da Revolução; redacta constituições, analyza o estado social das democracias que liberta, prevê, com a precisão de um propheta, o porvír.

.....

Em seus actos e em seus discursos, em sua inquietude, em sua dignidade e em sua fé, ha uma insólita grandeza. Trabalha para a eternidade; acumula sonhos e utopías; vence a terra hostil e os homens anárchicos: é o super-homem de Nietzsche, a personagem representativa de Emerson. Pertence á ideal familia de Napoleão e de Cesar; sublime criador de nações, maior que San Martín e maior que Washington."

Ahí fica a opinião geral dos historiadores, cujo caracter não se enlameou no pantano onde as rans da nacionalice, da patriotada e do jingoismo coaxam, a inventar reis e a exagerar occorrencias. Para os estudiosos que não adulam e não querem venalizar-se, a verdade é que o Libertador, na evolução da especie, mal contará com seis iguaes, com seis legítimos iguaes, porquanto rarissimamente passaram pelo planeta figuras tão completas.

Insuspeitos e severos críticos, que aprofundaram seus conhecimentos de maneira louvavel, chegaram a esta conclusão. De tamanha possança foram os argumentos e papeis em que baseiaram sua crença, que, agora, nem francezes, nem ianques, nem argentinos teimam no antigo erro de collocar ácima de Bolívar os seus gloriosos ídolos — Napoleão, Washington e San Martín.

Não há dúvida, a ignorancia ou a falta de escrúpulo decide sobre materia de que não entende; todavía, os documentos já impressos esclarecem tanto, que o consenso unânime dos americanos, ao classificar o Libertador de insuperado e inimitavel, não soffre controversia. Quando defrontamos a epopéa singular da emancipação do Novo Mundo, e consideramos os tropeços collossaes que teve de vencer Bolívar, e a sinceridade tenaz de suas convicções, e o dom in-

vejavel de modelar povos para o bem que sempre revelou, accitamos logo os dythirambos á sua sagrada memoria como recompensa ao que por nossos destinos padeceu. E não explodem, por esses hymnos a seus méritos, rhetóricos espaventos sem criterio, que Humboldt, o sabio alemão, um día os anticipára, dirigindo-se ao proprio Libertador:

“As grandes e generosas ações de V. E. são a admiração dos dois hemispherios.”

Parece incrível, mas o certo é que Bolívar, abandonando suas fartas commodidades, fazendas e capitaes, começou a pelejar pela independencia da América quando as populações não cogitavam de separar-se da metrópole, e pison intrigantes, afastou calumniadores, insulou rivaes mesquinhos, e batalhou por principios democráticos e republicanos, e ainda extrahio de si energias para discursar, prédicar, opinar, óra polemizando pela imprensa, óra assomando á tribuna, óra recolhendo-se ao gabinete do legislador. Parece incrível!

Sobrava razão a Montalvo:

“Guerreiro, escriptor, orador, tudo foi Bolívar, e de primeira linha.”

E' problema interessante determinar as fronteiras dos factores que originam os successos collectivos; ríscar, entre o indivíduo e a sociedade, a linha de fluxo e refluxo que os acerea e os aparta simultaneamente. O indivíduo governa a sociedade? A sociedade governa o indivíduo? Círculo vicioso. Promana o indivíduo da sociedade. Modifica-se a sociedade pela influencia do indivíduo. Comprova-se esta lei, quando, — cartas, proclamações, diatribes, louvaminhas, interpretações, ordens aos olhos, — passo a passo, vamos desdobrando os capitulos desse poema imparizavel que é a biographia de Bolívar.

De facto, o Libertador sahio da familia colonial e norteou a que a substituiu; producto da tradição clássica, elle implantou o romantismo revolucionario nos paizes que livrou do jugo europeu. Pedro Maria Arceya demonstra que em Bolívar se concentraram os rasgos fundamentaes do caracter ibérico. Rufino Blanco Fombona demonstra que Bolívar revolveu e transmutou o que estava feito, infundindo acatamento e idolatria. Aquelle o agrilhão ao passado. Este o projecta no futuro. Um nol-o retrata como prolongamento do typo de Cortés e Pizarro. Outro nol-o salienta como inovador de normas. Ambos se arrimam á justiça.

Escreve Pedro María Areaya:

“Sabido é que o grande heróe do Novo Mundo provinha exclusivamente da raça ibérica; raça autóctona da península hispanica, quasi pura e homogênea, de traços phisicos e psychológicos determinados, pertencente ao ramo mediterraneo-semita, de craneo mais ou menos alongado (dolicocephalo) e côr branco-morena, de sensibilidade irritavel e intenso amôr proprio.”

Assevera Rufino Blanco Pombona:

“Bolívar cumprío, quasi sem elementos e a despeito da natureza e dos homens, uma das emprezas mais grandiosas que tocaram em sorte a um heróe.”

Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios nasceu em Caracas, a 24 de Julho de 1783, de Juan Vicente Bolívar e Maria de la Concepción Palacios y Blanco. Rico e aristocrata, facil lhe decorreu a infancia. Sua instrueção ministraram-na professores selectos, que não desempenharam suas incumbencias com fortuna, porque o temperamento do discípulo mais se inclinava a correrias e improvisos que a meditações. Desta sorte, pendeu para Simón Rodríguez, rousseauniano desordenado e cynico, que lhe ensinou a desafiar perigos, ao em vez de habituar-se ás pausadas e solennes investigações de Andrés Bello.

Bolívar não se abandonou ás extravagancias de Simón Rodríguez, mas aproveitou-lhe a essencia dos ensinamentos. Que o apreciava, não se discute, pois não o largou na penumbra do pretérito quando chegou a mandar e lhe escrevia sempre com affecto transbordante. De Pativilea, a 17 de Janeiro de 1824, Bolívar saudava Simón Rodríguez em termos ampulosos:

“Oh, mi maestro! Oh, mi amigo! Oh, mi Robinsón! Usted en Colombia, usted en Bogotá, y nada me ha dicho, nada me ha escrito!

Nadie más que yo sabe lo que usted quiere a nuestra adorada Colombia. Se acuerda usted cuando fuimos al Monte-Sacro, en Roma, a jurar sobre aquella tierra santa la libertad de la Patria? Ciertamente no habrá usted olvidado aquel día de eterna gloria para nosotros; día que anticipó, por decirlo así, mi juramento profético a la misma esperanza que no debíamos tener. Usted, maestro mío, cuánto debe de haberme contemplado de cerca, aunque colocado a tan remota distancia! Con qué avidez habrá usted seguido mis pasos, di-

rigidos muy anticipadamente por usted mismo! Usted formó mi corazón para la libertad, para la justicia, para lo grande, para lo hermoso. Yo he seguido el sendero que usted me señaló. Usted fué mi piloto, aunque sentado sobre una de las playas de Europa.”

Simón Rodríguez, rebelde de natureza, inentío no espirito de Bolívar a inquietude, a insatisfação e o imperio. Ninguém — nem Sucre, o immaculado Sucre — tinha com o Libertador as intimidades de seu estrambótico pedagogo. Reciprocamente adoravam-se e um com outro fraternizava.

Datava de tempos antigos esta camaradagem. Um episodio de 1805 testemunha-o.

Após a travessia dos Alpes a pé, Simón Rodríguez e Bolívar entraram em Roma e escalaram o Monte Aventino. Dominando as campinas que se estendem ao longe e mirando o túmulo de Cecília Metella, evocaram os dois os prados incultos e férteis da terra natal. Inflammaram-se, ao divizar, na cinza do porvir, o vulto varonil da patria. Súbito, toma Bolívar as mãos de Simón Rodríguez e declama:

— Juro que não descansarei enquanto a Venezuela fôr escrava!

O que empolga em Bolívar é a coherencia com que cumpriu este voto. Derrubando barreiras, esfarellando exércitos, submetendo adversidades á sua volição inflexível, minuto a minuto executou o que prometera. Olhal-o febril, escaveirado, mal vestido, mas erente e firme, a arriscar a propria existencia pela consecussão de seus desígnios, é verificar que nunca houve caudilho que atingisse a meta de um sonho através de tantas escabrosidades. Confrontemos quantas biographias imaginarmos, as zonas em que ellas se repartiram, as datas que as estiram por maiores ou menores temporadas, e a do Libertador excedel-as-á, a muitas material, a quasi todas moralmente. Alexandre e César derramaram torrentes de sangue pela tyrannia e elle as verteu pela liberdade. Não mentio quem assentou esta evidencia:

“...percorreu com as bandeiras da redempção mais mundo que qualquer conquistador com as do despotismo...”

Venezuela, Colombia, Equador, Perú e Bolivia, eis a sua trajetoria offuscante, que é como o resplendor da gloria. Basta abrir o mappa e contar as leguas que medeiam dos llanos da Venezuela ás pampas da Bolivia. Aridas encostas, areas seccos, quentes, enlouque-

cedores, pérfidos alagadigos, eumes impérvios, mattarias miasmáticas, cachoeiras desmesuradas, impedições, doenças, miserias, que lhe entibiou a intenção ?

Bolívar não vagabundeou placidamente da Venezuela á Bolívia, porém brigando, a ferro e fôgo, contra a terra e contra os homens. Os transtornos e revezes o impacientavam e lhe solidificavam os intentos. Nos mãos instantes é que reagia com maior exaltação.

— Confío na Providencia (tagarellava o Libertador num mão instante) e as vantagens do inimigo ainda serão minhas. Dentro de poucos dias tomaremos a Nova Granada, que, unida á Venezuela, fará parte da Colombia. O pavilhão tricolor, então, tremulará no Chimborazo. Completaremos o triumpho no Perú, que nos agradecerá sua independencia.

Um official chamou o coronel Briceno e, chorando, disse-lhe:

— Amigo, não ha esperanza. Está tudo perdido. Não vê? Quem era nossa salvação ahí o temos louco, bem louco! Na situação em que se encontra, sem roupas, enfermo, e a sonhar com o Perú!

Comenta Juan Vicente González:

“Dois mezes após Bolívar havia tomado Angostura; dois annos após a Nova Granada acclamava-o vencedor em Bogotá; quatro annos mais tarde destrôe em Carabobo o exército de Morillo; passados cinco annos dá liberdade a Quito e ao cabo de sete annos suas victoriosas bandeiras ondeiavam nas altas torres do Cuzco.”

Não é nota solitaria a que escolhemos para resaltar a resistencia do Libertador e seu optimismo.

De outra feita, em Pativilca, com febre, encolhido, exgotado, escuta a charla de seus generaes: que a república naufragára; que os habitantes do interior do Novo Mundo amparavam a metrópole; que os espanhões talavam o Perú; que aguerridas hostes chegavam da Europa para destruir tudo; etc.

Vira-se Joaquín Mosquera e indaga:

— Que pensa V. E. fazer ?

Bolívar não se commoveu com a abrupta interrogação. A bater os dentes, num accesso mais assustador, como si nada de relevante advertisse, respondeu:

— Vencer.

A excitação do Libertador não se syncopava e enrolava-se nas púrpuras da virtude. Do primeiro día ao último, Bolívar pugnou

pela instituição da liberdade na América, que agiria, depois, perante as nações extranhas, á maneira de um único organismo. A' inversa de varios paredros daquelles evos, elle terçava pela confederação dos paizes emancipados, não pelo trôpego, vêsgo e cómico bairrismo. Foi este apego a uma orientação defensível, inelludível e acertada um attestado de sua pertinacia.

Enviado á Inglaterra pelos revolucionarios de 19 de Abril de 1810, o Libertador não advogou as pretensões da Venezuela, que expôz ao Marquez de Wellesley a urgencia de que as provincias da América se congregassem numa liga amphyetiónica como a dos gregos.

“Logo ao começo da revolução (depõe O'Leary) concebeu a idéa grandiosa de formar uma Assembléa, composta de representantes dos differentes Estados que proclamaram sua independencia da Espanha ou assumiram a direcção dos proprios negocios em nome de Fernando VII. A Liga amphyetiónica foi o modelo que tomou. Infinitos, e apparentemente invenciveis obstáculos oppozeram-se, a principio, a um pensamento que, mais que projecto de prática utilidade, parecia uma daquellas theorias visionarias que a caprichosa imaginação de ideólogos estadistas reveste de côres preciosas.”

Não desanimou Bolívar de impôr a fraternidade das patrias do Novo Mundo, que foram florescendo nas arenas rubras, onde sua espada cortava as amarras que as submetiam a Fernando VII. E' assim que, em 1813, restabelecida a república na Venezuela, pactua uma alliança com a Nova Granada; alliança que fracassou, devido ás disenças miudinhas e impertinentes, que chefêtes localistas semejavam pela antiga terra dos muexcas.

Outro desistiria. Bolívar não. Bolívar teima e, na célebre e excelsa carta a um cavalheiro da ilha de Jamaica, datada a 6 de Setembro de 1815, assentava:

“Es una idea grandiosa pretender formar de todo el Mundo Nuevo una sola nación, con un solo vínculo que ligue sus partes entre si y con el todo. Ya que tiene un origen, una lengua, unas costumbres y una religión, debería, por consiguiente, tener un mismo Gobierno que confederase los diferentes Estados que hayan de formarse; mas no es posible, porque climas remotos, situaciones diversas, intereses opuestos, caracteres desemejantes, dividen la América.

Qué bello sería que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos! Ojalá que algún dia tengamos

la fortuna de instalar allí un augusto Congreso de los representantes de las repúblicas, reinos é imperios, á tratar y discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra con las naciones de las otras tres partes del mundo! Esta especie de corporación podrá tener lugar en alguna época dichosa de nuestra regeneración; otra esperanza es infundada, semejante á la del abate St. Pierre, que concibió el laudable delirio de reunir un Congreso europeo para decidir de la suerte y de los intereses de aquellas naciones.”

Nada mais explícito. Bolívar, com sua visão aquilina, não pré-gava a confusão, num blóco, dos paizes da América; pré-gava a estratificação das nações do Novo Mundo, para seu fortalecimento defensivo deante das potências adversas. Em vez do estriçote, da mistela, do baralhamento de vocações e interesses, a coalizão plausível. Povos com administrações proprias, porem mutuamente comprometidos na manutenção da paz commum e da commum independencia.

Bolívar não se embebedára de devaneios, nem de arroubos de suaviloquencia. Bem se entende que não propugnava por sonho disparatado, qual o de tornar o Novo Mundo inteiro uma única república, sob um único governo; era a realidade esplêndida de uma confederação de nações livres, indestructível em frente das ameaças externas e sempre obrigada a agir, na justiça e no direito internacionaes, como um só e incontrastavel poder.

O artigo 1.º do esboço de regulamento para o Congresso de Panamá — que a má fé e a vaidade de algumas personalidades e de algumas potencias arrastaram á nullificação mais lamentavel — redactou-o Bolívar da seguinte forma:

“El Nuevo Mundo se constituiría en naciones independientes, ligadas todas por una ley común que fijase sus relaciones externas y les ofreciese el poder conservador de un Congreso general y permanente.”

Maior lucidez não é possível. O amôr á paz, o medo á guerra, a harmonia dos povos, coisas que hoje ninguem nega que sejam impreteriveis e vitaes, o Libertador exigia como condição de progresso e equilibrio na América. Não tombava no abysmo das phantasias, pois, em lugar de uma hypóthese de paiz, aconselhava a superposição e o encadeiamento das nações do Novo Mundo com um fim eficiente. Ha mais: Bolívar, arregimentando os povos do continente ao redor de um cõrpo de doutrinas convenientes e inconfundiveis,

amplificava a ação das futuras assembléas do Isthmo de Panamá, quando lhes agregava os representantes das demais partes do Globo.

Porque o Libertador foi o patrono do americanismo sem corruptelas, o nuncio da Sociedade das Nações e o instruidor da arbitragem, assignalou Francisco José Urrutia:

“Prestou-se homenagem a Bolívar, insigne guerreiro e libertador de povos; a Bolívar, caudilho militar, émulo em suas empresas atrevidas de Aníbal, César e Napoleão. Mas os esforços de Bolívar na ordem internacional, seus projectos em relação ao Direito das gentes, na applicação prática deste, transpassam no tempo e no espaço os limites das nações que foram theatro immediato de sua ação política e militar e exigem homenagem mais transcendental.”

Pronunciamos verdade sobrelevante ao destacarmos o afêro de Bolívar a uma orientação defensível, inelludível e acertada — o americanismo, a Sociedade das Nações e a arbitragem — como attestado de sua pertinacia.

Não nos espantemos. O Libertador estava tão compenetrado de seu papel, que nem as leis geológicas, que nem as calamidades tellúricas o demoviam de seus propósitos.

A 26 de Março de 1812 o solo da Venezuela tremeu e populações e populações morreram sob os escombros das cidades arruinadas. Sexta-feira santa. Céu azul. Calór esturrante. Os templos repletos de crentes. Sem que aragem velívola agitasse a athmosphera ou nuvem toldasse o espaço, pingos de chuva tamborilaram de vereda, aqui e alli, nas lages das ruas, nos telhados das residencias, em toda parte. Quatro horas e sete minutos. Um estrondo. Um ruído rouco e cavernoso. Era o terramoto.

No meio de mulheres desgrenhadas, crianças espavoridas, cadáveres e destroços, em Caracas os padres peroram:

— E' o castigo que vos manda o Omnipotente, por terdes abandonado a causa do melhor dos reis — Fernando VII!

Felipe Lamota e Salvador García de Ortigoza, dominicano aquelle, este oratoriano, trepados a uma meza, berram:

— Estais vendo? Deus se oppõe á traição que fizestes ao caridoso monarcha da Espanha!

Ajoelham-se, acovardados, os vizeoelanos. Rezam em altos brados. Prometem regressar á obediencia passiva da véspera.

E' quando um homem de olhos demoníacos e penetrantes, corpo magro e bem disposto, em mangas de camiza, escala os montões de

pedras, tijolos e poeira, para salvar as vítimas da hecatombe. Percebendo a infamia das sermonatas do clero, atarefado, suarento e sem deter-se, sentença:

— Si a natureza nos contrasta, subjugal-a-emos.

Aquelle anjo lucífero chamava-se Bolívar.

Não foi parlapatices o seu lampejante compromisso, que durante quinze annos batalhou o Libertador para salda-lo e saldou-o. Na guerra mais sanguinaria de que ha noticia, lancando monstros da estampa de Boves, Zuazola, Morales, Rosete, Yáñez, Calzada, Millet, Tíscar e centenas, Bolívar preencheu cabalmente os cargos que lhe couberam.

Soldado, com a propria mão feria o inimigo. General, educava selvagens e incontinentes *llaneros*, manobrava com tropas incatalogaveis, previa tudo e triumphava. O analphabeto rendia-lhe preito de illimitada dedicação, porque lhe admirava a coragem, óra serena como a de Suere e Urdaneta, óra brutal como a de Páez e Piar. O culto, o erudito, o instruido pasmava-se de suas leituras e scintillações, que no salão de estudos encantavam sabios e que nos combates eram a estrella guiadora dos exércitos.

No assalto de 29 de Junho de 1817 ás trincheiras de Angostura, — assalto effectuado por Bermúdez, — relata o capitão espanhol Rafael Sevilla que a infantaria atacante carregava, emquanto estridente voz, de timbre imperativo e habituada ao mando, apunhalava o ar:

— Avancem! Avancem! Avancem!

Quem andava pelas cercanias? Quem tinha estridente voz, de timbre imperativo e habituada ao mando? Bolívar.

Numa das peripecias do cerco de Angostura e Guayana la Vieja, o Libertador e seu estado-maior se viram rodeados de inimigos, a ponto de alguns officiaes communicarem aos chefes das tropas que elle morrera, matando. Dispersados e fugitivos, não podiam conceber que Bolívar, sitiado por muitos adversarios, numa lingua de terra com uma única sahida, escapulisse dos golpes e dos disparos dos soldados realistas. Isto era o lógico. Entretanto, Bolívar, a nado, escapára. Dionisio, seu assistente, que se jogára na agua em sua companhia, não se desfez de respeitavel e amollado facão.

— Por que (indagou-lhe o Libertador) não largaste esse tram-bolho?

— Eu (explicou o fiel ordenança) precisava da arma para degollal-o, si os espanhoes chegassem a prendel-o.

Taes proporções assumio o perigo, que Bolívar desnudou a garganta e empunhou afilado punhal para decapitar-se, caso o alcançassem os perseguidores.

Fora do raio de acção das balas dos realistas, o Libertador pilheria:

— Arismendi, que não sabe nadar, atravessou a lagôa como um peixe...

Lembrando-se do susto que raspára, o tremendo Arismendi elucida:

— Si em vez de agua fosse chumbo derretido, eu faria o mesmo; que nem vivo nem morto quero parar nas mãos dos espanhoes.

O dia 25 de Março de 1814 marea um dos factos de maior relee da historia americana: a defeza de S. Matheus com o sacrificio do capitão Antonio Ricaurte.

Boves desaba sobre os patriotas como furia infernal. Suas langas, que elle commanda pessoalmente, esfacellam os esquadrões revolucionarios. A batalha está indecisa.

Não se adivinha de que sorte, porem as columnas do implacavel guerrilheiro contornam as eminencias e galopam em busca do parque de munições dos soldados da liberdade.

Ha uma especie de expectativa e o combate quasi cessa. De todas as boccas foge uma exclamação:

— O parque de munições!

O capitão Antonio Ricaurte é o responsavel por aquella posição. De baixo os exércitos semi-paralyzados assistem á retirada dos que a occupavam. O posto vae sendo desertado e as hordas do bárbaro vencerão, apossando-se do parque de munições dos americanos.

Bolívar apeia do cavallo e ordena que o desensilhem. Após, dirige-se a seu estado-maior:

— Aquí, eu serei o primeiro a morrer.

Mal terminára de articular estas palavras, uma explosão abalava as immedições e escurecia o céu. O capitão Antonio Ricaurte, despachados os companheiros, deixou que as desenfreiadas turbas de Boves penetrassem em S. Matheus e incendiou o parque de munições. Mil espanhoes perderam a vida. A causa da emancipação do Novo Mundo santificou-se com uma acção imparizavel.

A 15 de Março de 1818 trava-se a batalha de Sémen. Bolívar, de lança em punho, a cujo fuste tinha pregada uma bandeirola com o lemma *Liberdade ou Morte*, percorre as linhas avançadas e fala aos regimentos, electrizando-os. A' cabeça, em vez de capacête, leva um gorro de pele de tigre, que lhe empresta certo ar de guerreiro primitivo.

Generaliza-se o combate e o Libertador, desdenhando de tudo, apresenta-se em todos os pontos.

Num dado momento, arranca do official que a carrega a bandeira venezuelana, atira-a no meio das forças inimigas e, seguindo-a, desvairado, frenético, enlouquecido, recupera-a á custa de golpes pavorosos.

O tenente-coronel Rooke, ferido duas vezes por não abandonal-o, pensou que Bolívar perdera o juizo na batalha de Sémen, tamanhos foram os seus alardes de bravura.

Investido de suas funções de estrategista, o Libertador compe-netra-se da responsabilidade que lhe delegaram milhares de compatriotas. E' o calculista impassivel e convicto. Quando desereve a seus officiaes a campanha premeditada, ouve-os por cortezia, porém já sabe que precisa executar o que deliberou. Salvo casos excepcionaes (o parecer de Sucre lhe era sympáthico) desta maneira procede.

Bolívar convoca uma junta e a põe ao corrente do que se dava no Alto Perú, como das medidas projectadas.

— Senhores, é o que ha. Pergunto-lhes si devemos iniciar a campanha.

Burdett O'Connor, com o dedo sobre o mappa da América, justifica seu voto.

— Este moço (o Libertador atalha-o) mostra-se competente professor de arte da guerra. O que nos está dizendo basta e amanhã mesmo começaremos o avango.

Isto, e enrolar o mappa da América, tudo foi um só gesto, que indicava que Bolívar trouxêra decisão irrevogavel áquella conferencia.

Improvisador de tropas, nunca encontrou o Libertador parceiro. Jamais pretendeu meter a disciplina franceza, ou a ingleza, ou qualquer que os contrariasse, nos seus regimentos de americanos. O que pode haver, em suas concepções militares, de Alexandre, César, Anibal e Napoleão, é obra do accaso, não de servil mimetismo.

“Bolívar, (pontifica Vicuña Mackenna) caudilho improvisado das hostes de sua patria rebelada, apresenta-se no campo sem mestres. Elle inventa uma guerra de prodigios...”

Aos técnicos convem estudar-lhe os recursos e as artimanhas, não catar-lhe divergencias das praxes europeas para chamar-lhes erros. Sempre é melhor vencer contra as regras alheias, que ser vencido de accordo com todos os principios preestabelecidos.

Ademais, embora se aceite esta norma de julgamento, quem poderá demonstrar que Bolívar era, no jogo da guerra, simples inspi-rado? Ha factos e indícios que o negam. Sua estrategia não se colava á dos generaes que o precederam, mas obedecia a um rythmo inédito, cuja aceleração e productividade ainda não foram avaliadas.

“Alguns acreditaram (sentencia Gonzalo Bulnes) que o Libertador procedia por espontaneidades, sem método; que obedecia ás impressões fugitivas que feriam sua intelligencia ou sua imaginação; que assim decidia uma campanha, como a continuava e a terminava. A vida do Libertador não está ainda definitivamente escripta, de sorte que não seria possível apreciar-o de modo seguro; mas podemos dizer, pelo que concerne á campanha do Perú, que isso é completamente inexacto, e que, quando a estudamos, não sabemos que admirar mais — a previsão methodica, minuciosa, quasi tímida que revela antes de iniciar as operações, ou a audacia empregada para decidil-as.”

Concordamos. O polygrapho chileno não negou ao Libertador aptidões sem as quaes elle nunca seria o Libertador.

Essa agilidade, que facilitava a Bolívar laureas bélicas, tambem lhe coroava a frente com as do político, do estadista e do diplomata. Político, administrou a Grande Colombia — a nação que a inveja e a ambição dos caciques fragmentou em Venezuela, Colombia e Equador — administrou a Grande Colombia com probidade, energia e pureza de ideaes; administrou o Perú, que borbulhava, como um paúl, de vermes da laia de Riva Agüero e Torre Tagle; administrou o velho Alto-Perú, onde Olañeta fundára a escola da ingratição, quando promoveu o motim contra Sucre, e que hoje desfructa a honra inadjectivavel de denominar-se Bolívia. Estadista, legou aos pósteros mensagens e leis que resistirão ao corrosivo do tempo e que se enfileiraram, densificadas, na constituição republicaníssima que

escreveu em 1826. Diplomata, redigiu instruções, evitou conflictos, impôz o respeito dos tratados e descobrio o americanismo no direito e na justiça internacionaes.

Bolívar, ademais, era tribuno e escriptor. As duas cartas que enviou a Olmedo, sobre a poesia deste ao choque de cavallarías em Junín, as orações que recitou, tudo que de sua penna cahio o revela estylista caudaloso e convineente. Brindes e improvisos, esmaltados de originalidades, lhe atestam os dons de eximio *discur*.

“O general Bolívar (propala-o Guilherme Miller) distingue-se particularmente por improvisar respostas elegantes e adequadas. Num dia deu successivamente dezassete respostas, que se poderiam imprimir como as pronunciou, e causariam admiração pela oportunidade. Em propôr um brinde, responder agradecendo, ou em falar sobre qualquer materia, talvez ninguem supere Bolívar.”

Mesmo como escriptor, Bolívar era tribuno. E' que sentia necessidade de arrebatar, o que só consegue a eloquencia de um Demósthene, de um Cícero, de um Castelar e de um Ruy Barbosa. Bolívar, literato, manifestava dotes oratorios, porque precisava transmutar multidões, dirigil-as incondicionalmente, forçal-as a serem capazes de sacrificar-se por um ideal.

Quem, agora, contempla a obra do Libertador e vê que as nações do Novo Mundo se reconhecem a si proprias, harmonizam seus interesses, pisam firmes a trilha do bem, comprehende que é o instante de erigir-lhe monumentos, que elle os merece mais que qualquer dos heróes da humanidade. Mas não fiquemos nesta homenagem. Leia-mo-lhe as missivas, as moções, os artigos jornalisticos, os códigos de direito constitucional e internacional, tudo, e não esqueçamos nunca que, — como ensinou uma das individualidades de mais prestigio do nosso continente, — não esqueçamos nunca que *Bolívar ainda tem o que fazer na América*.

ANTONIO JOSÉ DE SUCRE

Tão nobre pode ser o heróe resignado, sereno, modesto, como o combativo, ardoroso, eloquente. A valentia não abandona o individuo calmo, nem o arrojado, pelo facto de cada um dispor de vibratilidade diversa. Toda a historia está cheia de figuras indomaveis, que ora se apresentam recatada, ora barulhentamente. Variações em apparencia os applausos, porém se irmanam de facto na sinceridade da justiça os que se dão aos plácidos e os que se dão aos impetuosos. Conquistará affeições enthusiásticas o heróe resignado, sereno, modesto. Admirações illimitadas e calorosas o combativo, ardoroso, eloquente. E' bravo aquelle, que, em meio ás balas e ao relampejar das lanças, olvidado de si mesmo, indifferente ao proprio destino, ordena, no instante inadiavel, a carga vencedora. Este tambem se mostra digno dos louros marciaes, que, no tumulto das pelejas, não se domina e transforma a espada de commando em raio aggressivo.

Quem o negará ? Ninguem ousaria desnivelar a ponderação do Duque de Caxias e o arrebatamento do Marquez do Herval; a argueia de San Martín e o romantismo genial, a improvisação incomparavel, o flammêjante dom de governo de Bolívar; a fulmínea sensibilidade de Murat e a intoreivel tenacidade de Napoleão.

Só em conjuncto é que se torna razoavel a avaliação de personagens de tanto relevo. Quando quizermos apreender o sentido de uma época e a significação de seus actores, devemos tomal-os á distancia e de modo synthético. Do contrario, cahiríamos no erro de collocar ácima de alguém que criou ideaes, agitou multidões, derrubou velharias peçonhentas, um badameco medíocre que haja, em sua existencia, cumprido os pequeninos deveres quotidiannos e nada mais.

Resiste a qualquer confronto, electriza-nos amavelmente, comove, ás vezes, a dignidade firme, a impoluta belleza moral da alma de Antonio José de Sucre, heróe resignado, sereno, modesto.

Antonio José de Sucre nasceu em Cumaná, no seio de abastada e fidalga familia. Não se sabe com certeza si isto se verificou a 3 de Fevereiro de 1795 ou a 13 de Junho de 1793. Ha argumentos favoraveis a ambas as datas. Laureano Villanueva sustenta que é authentico o seguinte atestado de baptismo:

“En veinte días del mes de febrero de mil setecientos noventa y cinco años: Yo beneficiado, cura castrense, don Francisco Josef del Aguila, certifico que con mi licencia y asistencia el presbítero doctor Josef Cándido Martínez, secretario de visita, bautizó solemnemente, puso óleo y crisma a Antonio José Francisco, hijo legítimo de don Vicente de Suera, teniente de infantería, y de doña María Manuela Alcalá, el cual niño tenía diez y siete días de nacido: fueron padrinos el beneficiado don Patricio de Alcalá y doña Juana Jerónima Sánchez, a quienes advertí su obligación y espiritual parentesco y para que conste lo firmo, y de ello doy fe. Francisco Yph. del Aguila.”

Pela linha paterna, descendia Antonio José de Sucre de flamengos aclimados na Espanha. Seu bisavô, o brigadeiro Carlos de Sucre, governador e capitão-mór da Nova Andaluzia em 1729, edificador por conta propria e de Juan de Dios Valdez dos castellos de Padrastro e San Francisco, na antiga Guayana, fundador da villa de Aragua, falleceu em Madrid no anno de 1746. Um filho do brigadeiro Carlos de Sucre, que tinha seu nome, era coronel em 1792 e foi pae de Vicente de Sucre, progenitor do exemplar e immortal guerreiro.

Orphan de mãe muito cedo, vio-se protegido e orientado Antonio José de Sucre por seu tio José Manuel, assíduo e honesto burocrata, que lhe influio bastante na formação do espirito. As normas de clemencia e liberalismo prudente aprendeu-as no lar. Menino, recebeu severa educação, que o habituou ao auto-domínio. Homem, não fugio a responsabilidades e sempre inspirou absoluta confiança a chefes e subordinados.

Não restou na mentalidade do illustre cumanense reminiscencia dos estudos primarios, cursados em péssima escola da cidade natal. Entretanto, apontaram as tendencias de sua intellectualidade nos

tempos em que aprendia mathematica com o coronel Mires, desejando dedicar-se á architectura.

Convem accentuar que nos autoriza a crêr na unidade perfeita de seus desígnios o rumo traçado por elle desde a infancia. Parece que se consagrava, de propósito, a disciplinas que o libertariam de inúteis e circulares logomachías. Eis as materias que lhe ministrava o coronel Mires: arithmética, álgebra, geometria, desenho, topographia e noções de construção civil.

“Su vida de militar y político (assegura Gustavo Adolfo Otero) fué un constante pensamiento vital para construir y edificar.”

Longe de rígidos programmas universitarios, que lhe facilitassem o acúmulo de conhecimentos geraes, Antonio José de Sucre sentio-se impellido a cinzelar sua erudição e fortalecel-a sem adjutorios. Assim, parallelamente ás sciencias que assimilava, ía entrando em contacto com as artes mais accessiveis. Mostrou-se, nesta árdua e lenta peregrinação, autodidacta estupendo.

Isto permitio que o reputassem, com razão, entre os competentes, voz e voto apreciaveis.

O gosto do estudo nunca o perden Antonio José de Sucre, que, a 27 de Março de 1826, de Chuquisaca, já famoso por Pichincha e Ayacucho, conversava com Bolívar:

“Despues de meditar mucho sobre lo que debo hacer me parece que lo mejor es que U. me permita ir á Europa á viajar é instruirme por dos ó tres años, en que estudiaré mucho y volveré el año 29 (en que U. será reelegido Presidente de Colombia) para trabajar mucho, mucho por nuestro país al lado de U.”

Discreto, não era seu habito vangloriar-se do que sabia e, por entre os estrondos do canhão, Antonio José de Sucre, — o invulneravel, a quem Rufino Blanco Fombona denomina *el hombre más noble y caballeroso del Ejército americano*, — queria viajar e instruir-se, para trabalhar muito, muito pela patria.

Que significa esta solicitação a seu general? Que interpretação poderemos dar a esse desejo? Antonio José de Sucre, que aleandorára sua espada ao lume das estrellas, ambicionava, depois de tudo, a única láurea que não se respinga de sangue ou de lódo: a da sciencia.

Conta-se que sua delicadeza nunca achou rival. Embora seguro de seu valôr, não exteriorizava sinão cavalheirismo e benignidade. Occultava-se, depois de actos formidaveis. Não disputava postos,

nem honrarias. Promovido irregularmente por Zea, que não possuía sufficientes attribuições legais para o caso, viajava pelo Orinoco, após a batalha de Boyacá, quando cruzou com Bolívar, que mal ouvira ainda referencias ao jovem caudilho.

— Quem vac nessa embarcação ? — indagou o Libertador.

— O general Sucre — respondeu o outro.

Bolívar, que se zangára com o abuso de Zea, não estava informado dos meritos do seu partidario e brevemente amigo íntimo.

— Não ha esse general — gritou algo enfarruscado.

Antonio José de Sucre de tal maneira se portou, que dahi por deante Bolívar o venerava.

Alguns mezes corridos, em companhia de O'Leary, o Libertador entrava em Cúcuta, de volta de Cartagena, e Antonio José de Sucre sahía para recebê-lo.

— Quem será aquelle máo cavalleiro ? — perguntou O'Leary.

— E' — falou o Libertador — um dos melhores officiaes do exército; reúne os conhecimentos profissionaes de Soublette, o bondoso character de Briceño, o talento de Santander e a actividade de Salom. Por exquesito que pareça, a verdade é que não é conhecido e suas aptidões nem são suspeitadas. Estou resolvido a arrancal-o da sombra, certo de que ainda será meu igual.

Uma das qualidades de Bolívar exercitou-a nessa occasião: a prophécia era nítida. Naquelles dias, não respirava um único paredro da emancipação que fosse capaz de adivinhar, com tamanha lucidez, os enigmas do porvir. Entre a poeira sangrenta que levantavam Santiago Mariño, Manuel Piar, José Francisco Bermúdez, Montilla, Anzoátegui, Brion, etc., a perspicacia agudíssima do maior de todos os americanos descobriu a legítima promessa de triumpho: Antonio José de Sucre, o mais puro dos paladinos, o mais elegante dos combatentes, o menos áspero dos super-homens.

Antes, que praticou Antonio José de Sucre ? Antes, onde ficou ? Antes, qual a sua posição no inferno de morticinios e perversidades que espanhoes e americanos acenderam ?

Incansavel, Antonio José de Sucre estreou-se na carreira das armas em 1810, sob a direcção do infortunado Miranda. Andava pelos quinze annos. Em torno de si, pompeavam varões de pulso e tino, cuja fama se espalhava rapidamente. A louvavel concorrencia desempenhou, em sua mocidade, o papel de ensinamento, que, ao

lado de tantos cérebros fecundos e braços possantes, elle triumpharia ou fracassaria, conforme as circumstancias. Venceu e venceu com probidade inatacavel.

Antonio José de Sucre não aninhou no peito as serpentes da deslealdade e da mesquinharía. No turbilhão dos antagonismos, quando raros escapavam ao virus da inveja, esse íntegro cavalleiro do bem sonegava aos extranhos olhares a sua conspícua personalidade, para evidenciar a de seus competidores. Foi, graças a tão austera moral, o melhor prégoeiro da reputação de Bolívar.

Historiadores ha que sustentam que o Libertador, ao ler o officio em que Antonio José de Sucre lhe descrevia a rendição de La Serna e Canterac, arrancou o dólman, atirou-o longe, poz-se a bailar e a gritar, transtornado de alegría:

— Victoria! Victoria! Victoria!

O mais autorizado dos biógraphos de Bolívar, que o seguía como secretario, mostra que não sombreou o coração do impertérrito luctador nenhum resentimento contra Antonio José de Sucre.

“Su primer acto (testemunha-o O’Leary) fué manifestar su gratitud á los ilustres compañeros de su obra, á los que eran dignos de recompensa, porque en la hora de los sufrimientos de la patria le habían sido fieles.”

Mas, ao lhe cahirem nas mãos as partes e proclamações de Antonio José de Sucre, — partes e proclamações em que seu nome fulgia, onde a seu genio se agregavam os louros de Ayacucho, — não se refreou e disse:

— Sucre me vence em generosidade!

Multiplicam-se, com fertilidade surpreendente, os actos de modestia de Antonio José de Sucre. Na guerra ou na paz, o mesmo. Sua abnegação casava-se a um cavalheirismo que não desmentia o senso do galanteio, tão proprio da raça espanhola.

Destruído o poder da metrópole pela espada de Antonio José de Sucre, que decepou a ousadia de La Serna e Canterac, a organização legal do paiz libertado era tudo. Militar, Antonio José de Sucre queria que a assembléa, convocada a 9 de Fevereiro e regulamentada a 16 de Maio de 1825, agisse sem constrangimentos. Convidou o general Arenales para uma viagem a Chuquisaca. O congresso deliberaria á vontade, que as fardas seductoras dos dois soldados da emancipação — representantes das hostes do sul e do norte, das Provincias Unidas do Río da Prata e da Grande Colombia — não

aspiravam a nada mais que a implantação da democracia no Alto Perú. Partiram. A cidade preparou-lhes festas orientaes. Das sacadas, as famílias atiravam pétalas e borrifavam perfumes caros. As ruas regorgitavam de commissões e povo. A' entrada, aguardava-os um carro á romana, rubro e alvo, estufado de velludo, que doze rapazes robustos e bem vestidos puxavam. O carro á romana destinava-se a Antonio José de Sucre.

— Estou (agradeceu o vencedor de Ayacucho) commovido por tamanhas provas de affecto. Mas vem commigo alguém, que, pelas suas qualidades de militar e cidadão, merece subir a essa carruagem: é o general Arenales.

A' sua direita, tudo via e ouvia o representante das Províncias Unidas do Río da Prata. Ao escutar, porém, aquellas phrases, atalhou:

— Oh! Deante do vencedor de Ayacucho não pode haver ninguém mais glorioso!

Prometia prolongar-se a amavel disparidade de opiniões, quando Antonio José de Sucre teve uma idéa que o retrata: propoz que ambos caminhassem a cavallo até a praça principal de Chuquisaca, enquanto o carro á romana conduzisse sómente a sua e a espada de Arenales.

Sabe-se que a guerra da libertação revestiu formas procellosas de irreconciliaveis antagonismos. Olho por olho. Não havia prisioneiros. De lado a lado desencadeiavam-se vinganças. Boves, Arismendi, Sebastián de la Calzada, Antonio Nicolás Briceño, Antoñanzas, Santander, qual escapou ao fermento daquelles rancores?

Monteverde officiaa a Urdaneta:

“El señor capitán general, cuya humanidad ha sido bien conocida en Venezuela, se haya horrorizado de las crueldades cometidas contra los europeos por D. Simón Bolívar; por tanto se ve en la dura necesidad de valerse de la recíproca, y ha resuelto que por cada uno que en lo sucesivo sea sacrificado ahí, lo *ará* con dos de los que se hallan en estas prisiones...”

Urdaneta officiaa a Monteverde:

“Horrorizado el general del ejército libertador de Venezuela de las perfidias, traiciones, crueldades, robos y toda especie de crímenes cometidos por D. Domingo Monteverde, ex-gobernador de Caracas, ha declarado la guerra á muerte para tomar, en parte, la represalia á que el derecho de la guerra lo autoriza, cuando el de gentes ha

do violado tan escandalosamente. Si el intruso ex-gobernador Monteverde está pronto á sacrificar dos americanos por cada español ó canario, el Libertador de Venezuela está pronto á sacrificar 6.000 españoles y canarios que tiene en su poder, por la primer víctima americana."

A 29 de Janeiro de 1816 Pardo officiaa a Moxó, noticiando-lhe que a esposa de Arismendi, prisioneira dos realistas, dera á luz um *nova monstro* e talvez fosse conveniente decapital-a. Dir-se-ia que tamanha ruindade respondia á proclamação que, a 16 de Janeiro de 1813, Antonio Nicolás Briceño lançára em Cartagena de Indias e onde, no meio de outras exaltações, se lía:

"...como el fin principal de esta guerra es el de exterminar en Venezuela la raza maldita de los españoles de Europa, sin exceptuar los isleños de Canarias, todos los españoles son excluidos de esta expedición, por buenos patriotas que parezcan, puesto que ninguno de ellos debe quedar con vida, no admitiéndose excepción ni motivo alguno."

Antonio Tízcar, commandante-governador de Barinas, ameaça os republicanos com a luta sem quartel. Bolívar, que recebe em Trujillo a notificação de semelhante fera, declara aos espanhoes a guerra de morte. Ferro contra ferro.

Não se empenhou nunca mais extremada e bellacíssima contenda. Ambos os litigantes endoideceram. Pois bem; entre catadupas de sangue, enforcamentos, saqueios, violações, deslisuras, retaliações, Antonio José de Sucre perdoava ao inimigo seus delictos e, escaldadamente, excellia no reconhecimento unânime dos proprios irmãos de armas.

"Sucre (a sentença de Carlos Pereyra incrusta-se á maravilha aquí) es el copo de nieve sobre la charca de sangre."

Antonio José de Sucre perdoava ao inimigo seus delictos! Quaes? Os de incendiar propriedades, martyrizar povoações inertes, degollar innocentes, calumniar familias e arruinar todo o paiz com ira satânica? Estes e o de o ter enlutado para sempre, abatendo-lhe, a bala e a bayoneta, entes caros.

Seu irmão Pedro, que commandava o batalhão *Colombia*, no sitio de La Puerta, Boves o espingardeia. Seu irmão Vicente, com molestia incuravel, num leito de hospital, em Cumaná, tomba aos disparos das hordas realistas. Seu irmão Carlos, agredido de improvisa na costa de Güiria, morre logo assassinado. E assim por deante, os

entes caros a Antonio José de Sucre foram desaparecendo. Por isto, é maior do que parece, á primeira inspecção, sua magnanimidade para com tão fragosos e tigrinos bandidos.

Em 1814, após a batalha de Maturín, Antonio José de Sucre exercia o posto de chefe do estado-maior da divisão Bermúdez. Visitando o campo, em que os exércitos republicanos se cobriram de gloria, elle encontrou dois soldados espanhoes e lhes disse:

— Fugam, que si os pegam as patrulhas patrióticas, vocês não se livrarão do areabuzamento.

Os dois soldados espanhoes mostraram-lhe os pés inchados de causar dó e lhe responderam:

— Não podemos sahir daqui, como Christo não passou da cruz.

Antonio José de Sucre ordenou a seu bagageiro que apeiasse e no cavallo sentou os dois soldados espanhoes. Levou-os para o acampamento da divisão Bermúdez, onde alguém os desejava rebentar de um balazio. A este perverso intuito oppoz-se o salvador dos prisioneiros. Resultado: um e outro adheriram á causa da libertação, fallando — um — alcaide do cárcere de Cumaná e cahindo — o outro — no combate de Matará com os galões de commandante.

Antonio José de Sucre viu, desta sorte, confirmada a máxima que improvisára, quando os dois soldados espanhoes estavam ameaçados de uma truculencia:

— O mesmo é honrar o nome da República que vencer batalhas.

Graças a episodios deste gênero, Burdett O'Connor, que com elle serviu, descreveu-o:

“Este era un joven animoso y de gran inteligencia, vivo, enérgico, audaz, muy afable y político con todos y muy querido por cuantos le conocían. Su modestia era tan grande como su abnegación y su talento. Con razón se le ha llamado el soldado filósofo. Era la encarnación de los más avanzados principios republicanos, y el más completo caballero.”

Toda a biographia de Antonio José de Sucre condensou-a nestas curtas orações o voluntario irlandez. Fundamental-as, é rematal-a. Tudo, afinal, girará ao redor daquelle titulo honorífico, que lhe desvenda o coração bem conformado e a moral indesviavel: *el soldado filósofo*.

No instante mais grave de sua carreira, ao defrontar os batalhões, esquadroes e baterias dos espanhoes de La Serna e Canterac, não promete a seus commandados o exterminio dos vencidos. Não

se illudía, entretanto, a respeito do destino que lhe caberia e ás suas forças, si o triumpho pendesse para os súbditos de Fernando VII. Arengando aos lanceiros da Venezuela, incitou-os:

“Compatriotas llaneros! Estoy viendo las lanzas del Diamante de Apure, las de Mucuritas, Queseras del Medio y Calabozo, las del Pantano de Vargas y Boyacá, las de Carabobo, las de Ibarra y Junín. Qué podré temer? Quién supo nunca resistirles? Desde Junín ya sabéis que allí no hay jinetes, que allí no hay hombres para vosotros, sino unos mil ó dos mil soberbios caballos con que pronto remudaréis los vuestros. Sonó la hora de ir á tomarlos. Obedientes á vuestros jefes, caed sobre esas columnas y deshacedlas como centellas del cielo. Lanza al que ose afrentaros! Corazón de amigos y hermanos para los rendidos!”

Quando Antonio José de Sucre aconselhava — *Corazón de amigos y hermanos para los rendidos!* — todo o exército emancipador sabia que não era simples rhetórica a advertencia de Pedro Guás á sua unidade:

“Voltígeros! Para nosotros no hay cuartel!”

E' que a batalhão *Voltígeros*, constituido de erionulos venezuelanos, abandonára, a 3 de Dezembro de 1819, a causa da metrópole, pela qual combatera sob a designação de *Numancia*.

Decidida a batalha de Ayacucho, Antonio José de Sucre não pisou as bandeiras espanholas, que se esfarraparam aos rugidos da artilharia e se enfumaçaram na polvadeira dos galopes; não prostrou o brío racial dos officiaes que com elle se mediram em constancia, em habilidade, em coragem; não ensangentou, não enlameou, não azinhavrou os seus bordados de marechal — como tantos outros, de todos os tempos e de todos os paizes! — com torpezas vilissimas, com bravatas de poltrão, com abominaveis falsias. Não. Decidida a batalha de Ayacucho, Antonio José de Sucre tamanhas concessões tolerou, que nunca se viu coisa igual. E' a capitulação mais bizarra de que ha noticia, sobre tudo si se considera que em suas mãos estavam os tenentes-generaes La Serna e Canterac; os marechaes Valdez, Carratalá, Monet e Villalobos; os generaes de brigada Bedoya, Ferraz, Camba, Somocursio, Caeho, Atero, Landázuri, Vigil e Pardo y Tur; dezasseis coroneis, sessenta e oito tenentes-coroneis, quatrocentos e oitenta e quatro majores e officiaes, dois mil e poucos soldados, espingardas aos montões, munições á ufa, etc.

Ao artigo 15.º do tratado, que deliberava sobre a immediata libertação dos aprisionados de ambas as partes, Antonio José de Sucre addicionou:

“Concedido. Y los heridos se auxiliarán por cuenta del Erario del Perú, hasta que, completamente restablecidos, dispongan de su persona.”

Antes e após, serão muitos os triumphadores que observam este procedimento? Qual! Desgraçadamente a impureza humana gera iniquidades e, quasi sempre, curtem os vencidos dôres e enfermidades, que os vencedores gosam em tortural-los com impiedosa, com diabólica, com malvada sanha!

Pelas cláusulas do accordo, qualquer individuo do exército espanhol poderia regressar á patria por conta do thesouro peruano, que lhe pagaria, enquanto durasse o seu transporte, meio soldo; ou ingressar, com o seu posto garantido, nas fileiras republicanas. E' vulgar esta suavidade? Não! Quantos déspotas alapardados sob a inconsciencia do medo jamais a entenderiam!

A mão alcivosa que comprimia a adaga para feril-o, Antonio José de Sucre, com excessiva benevolencia, não a decepava. Afastava-a, sorrindo da fragilidade da condição humana.

Laureano Villanueva, Antonio José de Irisarri, Carlos Peryera, todos falam de casos em que o Grande Marechal de Ayacucho sobrepassava as fronteiras do razoavel, quando inimigos sem moralidade o tentavam matar. Em Oruro, para que um suiso, que o quiz envenenar, não pagasse o delicto como de direito, deu-lhe dinheiro e o despachou á sua terra. Em Chuquisaca, ouvindo as súplicas da mãe de Valentín Morales Matos, que, de faca ás mãos, penetrára nos seus aposentos, comuta-lhe a sentença de morte, desterra-o e ajuda-o com duzentos pesos, para os gastos da viagem. Olañeta, o ingrato Olañeta, é recommendado por elle aos amigos e recebe de seu bolso mil pesos, tudo após aquella mazorea intempetiva de 18 de Abril de 1828. Vencedor no Portete de Tarqui, quasi desaparece victimado por José Ignacio Luque, ser abjecto, que conspirava contra sua vida; mas, ao ver que o criminoso seria condemnado á pena última, esconde as provas e evita o terrivel desfecho.

Foi Antonio José de Sucre o diplomata da guerra. Aurcolada a fronte dos ramos da fortuna e do genio, de espada em punho, era a concordia que augurava duradoura paz. Além da capitulação mais bizarra de que ha noticia, — a da batalha de Ayacucho, —

elle, a 25 de Novembro de 1820, sustenta, perante Ramón Correa, Juan Rodríguez Toro e Francisco González Linares, o *Tratado para la regularización de la guerra*, que Bolívar redactou e ofereceu aos espanhoes. Por que o Libertador patenteava sempre predilecção pelo homem, a quem chamou *el general más digno de Colombia?* Foi-o, impensadamente, o official da Legião Britânica, que nos legou a obra *Campanhas e cruzeiros durante a guerra da emancipação hispano-americana*:

“O general Sucre, que era oriundo de Cumaná, parecia-se muito com Bolívar, na phisionomia e no corpo. Sua pelle era ainda mais alva que a do supremo chefe; estava ligeiramente picado de varíola e não usava bigodes. Sua feição era suave e seus gestos elegantes; mas nos primeiros annos de sua carreira militar, pelo menos, não se descobria em seu aspecto nada que revelasse o futuro vencedor de Ayacucho.”

Havia, entre Antonio José de Sucre e o Libertador, uma affinidade edificante, que os irmanava em tudo. O Libertador sentia que Antonio José de Sucre não o invejava e se dispoz a abdicar de suas opiniões em favôr da independencia do Novo Mundo, filha de sua vontade incontrastavel.

A correspondencia entre Antonio José de Sucre e o Libertador denuncia esta preponderancia de Bolívar sobre o Grande Marechal de Ayacucho. Aos tomos numerosos de cartas que trocaram, um titulo se ajustaria: *Lealdade*. Antonio José de Sucre e o Libertador divergiam, polemizavam, scindiam as suas cogitações sobre materias precípuaes, mas no papel das missivas; que, em público, o Grande Marechal de Ayacucho prestigiava invariavelmente o programma de Bolívar.

“Bolívar (ensina Sabino Pinilla) ejercia sobre el gran mariscal una sugestión de la que nunca pudo ni tentó tampoco él sustraerse.”

A' frente do governo do Alto Perú, formando, com atinada visão de estadista, uma nova república, Antonio José de Sucre prohibia irregularidades e práticas delictuosas na administração, cuidava das finanças de modo a sanar deturpações e desaguisados, estabelecia regras para os processos de justiça; de propósito não tocou em coisas de instrução e beneficencia. Como a beneficencia e a instrução entram em contacto com as multidões e as acordam para as

estrepitosas manifestações de agradecimento, elle, calculadamente, reservou a Bolívar a fortuna de decretar medidas que as alicerçassem.

Não é só. Antonio José de Sucre até sua vida sentimental subordinava aos dictames e urgencias da cívica, collocando-as aos olhos do Libertador. Fatigado de tantos dissídios e estorvos, tomou da penna e transmitio a Bolívar o seu desejo de eneamujar-se no lar, desde, porém, que a América lhe não pedisse novos alentos:

“No cerraré mi correspondencia de hoy sin decir a usted que al fin, observando que el Estado presenta el aspecto de un poco de paz, he resuelto de una vez cumplir el compromiso á que estoy ligado con la señorita Solanda en Quito, y que al efecto escribo en esta fecha al coronel Aguirre. Si hay circunstancias que hagan parecer mal este partido, autorizo á usted para que escriba á Aguirre que lo suspenda. He dicho á usted que confío siempre de sus consejos como si los recibiera de mi padre.”

Antonio José de Sucre ía casar-se com a senhorita Solanda, para cumprir o compromisso que contrahira. Que senhorita era essa? Que compromisso era esse?

Narra Vicente Pesquera Vallenilla o successo de maneira diversa da que o relata Burdett O'Connor. Vejamos.

Ao entrar (é a primeira versão) Antonio José de Sucre em Quito, visitou-o o marquez de Solanda, que se mostrou seu deferente admirador. No dia seguinte, voltou o titular e o convidou a ir á sua casa, para conhecer-lhe a familia. Combinaram que isto se daria no immediato domingo.

Quando Antonio José de Sucre chegou á residencia do marquez de Solanda, extranhou que o recebesse a filha mais velha do ancião, porquanto naquelles tempos só em casos rarissimos as mulheres tomavam parte nos actos dessa especie.

Depois, o marquez de Solanda procurou de novo Antonio José de Sucre e lhe pediu que accitasse a mão da filha mais velha, a que elle já vira e se chamava Marianna.

Acrescentemos que, em suas derradeiras disposições, o marquez de Solanda recordou a Antonio José de Sucre a promessa e o nomeou testamenteiro.

Não se casa bem á índole do Grande Marechal de Ayacucho a segunda versão, que Burdett O'Connor espalhou. Conta o voluntario irlandez que, em sua presença, Antonio José de Sucre propôz a

Arthur Sandes decidir qual contrahiria nupcias com a marquezinha de Solanda por meio da sorte, confiada ao resultado de um jôgo!

Antonio José de Sucre foi o afortunado e a marquezinha de Solanda teve a felicidade assegurada, até a hora fatal, a hora nefasta, a hora negra em que, as faces quentes de lágrimas, escreveu a Obando, o assassino do Grande Marechal de Ayacucho, a carta de desprezo e dôr, onde bradava:

“Estos fúnebres vestidos, este pecho rasgado, el pálido rostro y desgreñado cabello, están indicando tristemente los sentimientos dolorosos que abruman mi alma. Ayer esposa envidiable de un héroe, hoy objeto lastimero de conmiseración, nunca existió un mortal mas desdichado que yo. No lo dudes, hombre execrable; la que te habla es la viuda desafortunada del Gran Mariscal de Ayacucho.

Herederó de infamias y delitos, aunque te complazca el crimen, aunque él sea tu hechizo, díme, desacordado, para saciar esa sed de sangre era menester inmolar una víctima tan ilustre, una víctima tan inocente! Ninguna otra podía aplacar tu saña infernal? Yo te lo juro é invoco por testigo al alto cielo, un corazón más recto que el de Sucre nunca palpitó en pecho humano. Unida á el por lazos que sólo tú, bárbaro, fuiste capaz de desatar; unida á su memoria por vínculos que tu poder maléfico no alcanza á romper, no conocí en mi esposo sino un caracter bondadoso, una alma llena de benevolencia y generosidad.

Mas yo no pretendo hacer aquí la apología del general Sucre. Ella está escrita en los fastos gloriosos de la Patria. No reclamo su vida: esa pudiste arrebatarla, pero no restituirla. Tampoco busco la represalia. Mal pudiera dirigir el acero vengador la trémula mano de una mujer. Además, el Ser Supremo, cuya sabiduría quiso por sus fines inescrutables consentir en tu delito, sabrá exigirte un día cuenta más severa. Mucho menos imploro tu compasión; ella me serviría de un cruel suplicio. Sólo pido que me des las cenizas de tu víctima. Sí, deja que ellas se alejen de esas hórridas montañas, lúgubre guarida del crimen y de la muerte, y del pestífero influjo de tu presencia, más terrífica todavía que la muerte y el crimen. Tus atrocidades, inhumano, no necesitan nuevos testimonios. En tu frente feroz, está impresa con caracteres indelebles la reprobación del Eterno. Tu mirada siniestra es el tósigo de la virtud; tu nombre horrendo, el epígrafe de la iniquidad; y la sangre que enrojecé tus manos parricidas, el trofeo de tus delitos. Aspiras á más?

Cédeme, pues, los despojos mortales, las tristes reliquias del héroe, del padre y del esposo, y toma en retorno las tremendas impreaciones de su Patria, de su huérfana y de su viuda.”

Antonio José de Suere está vingado. Sua fiel companheira vergastou, com phrases ciclópicas, a vileza do pérfido Obando.

O homem que nunca chafurdou na impudência, o amigo illibado, o marido modelar, o filho devotadissimo, o chefe meticoloso, o estadista comedido, *el soldado filósofo, el general más digno de Colombia*, todos acreditavam que falecesse no leito, cercado de atenções e envelhecido. Entretanto, muito moço, a 4 de Junho de 1830, vararam-no os projecteis que a ruindade de Obando lhe preparára na montanha de Berruecos. Por que ? Que felonía, que culpa, que mancha lhe conculcára o passado e o tornára odioso ?

O Grande Marechal de Ayacucho não tolerava discordias civis e, prevendo-as, fazia questão de guardar o gladio com que abatera o poderio da Espanha.

“Desde mucho tiempo (participava a Bolívar, a 10 de Novembro de 1824, de Pichirgua) he reducido mis aspiraciones al brillo de las armas nuestras en esta campaña, á la conclusión de la guerra de América, y á gozar luego de una vida tranquila. He significado á U. varias veces con toda franqueza que U. tiene la bondad de dispensarme, que mi único deseo es acompañarlo en la empresa que U. tomó en este país sobre su responsabilidad, y luego irme á mi casa.”

Não era um arrufo transitorio a causa desta maneira de pensar. Não. Antonio José de Suere presentia a formação das discordias civis, o debater das ambições caudilhescas, o cortejo de todos os males que, de facto, alagaram a América durante mais de cinquenta annos.

Voltou, pois, á carga, a 8 de Janeiro de 1825, noutra missiva a Bolívar, enviada do Cuzco.

“Yo he previsto (repisava) que nos vamos á meter en un laberinto de embrollos; pero ya que U. me permite hablar con claridad, le diré que el primer día que, por falta de aclaración bastante en las órdenes, me vea en confusiones, me doy de baja. Yo estoy realmente enfermo, pues mi pecho se mejora y empeora cuando quiere: hace tres días que me fatiga bastante y por tanto cada día tengo más repugnancia á los negocios públicos. Sirvo por amistad á U. y nada más; pero confesaré que despues de terminada esta campa-

“Ea y destruido el ejército español mi más vehemente deseo es retirarme.”

Invariavelmente batia esta tecla o Grande Marechal de Ayacucho, que se arriscava nas batalhas, porém não transigia com a intrigalhada dos intrigantes da laia de Santander, Riva-Agüero, Olañeta, etc. Bolívar, entretanto, instigava-o a encerrar o cyclo da heroidade e, de Lima, mandava dizer-lhe, a 20 de Janeiro de 1825:

“Usted es capaz de todo, y no debe vacilar un momento en dejarse arrastrar por la fortuna que lo llama. Usted es joven, activo, valiente, capaz de todo; qué más quiere Usted? Una vida pasiva é inactiva es la imagen de la muerte, es el abandono de la vida, es anticipar la nada antes de que llegue.

Yo no soy ambicioso; pero veo que Usted debe serlo un poco para alcanzarme o superarme.

Acuérdese Usted que tiene un padre vivo, que se alegrará siempre de la gloria de su hijo.”

A' modestia de Antonio José de Sucre opunha Bolívar habiliidades sem conta. Um era digno do outro. Quando Antonio José de Sucre se desliga das insignias mais alterosas, para agrilhoar-se aos pés de uma mulher instruida, bella e honesta, Bolívar lhe recorda o pae, aquelle que lhe deu o sér, a quem suas glorias remoçariam!

Antonio José de Sucre insistia em recolher-se á vida privada, apesaz das rogativas de Bolívar para que o auxiliasse no titânico empenho de democratizar a América. De Chuquisaca, a 20 de Junho de 1827, assentava:

“El día de la reunión del Congreso es el último de mi Presidencia; ningun poder humano (ni aún divino) me hará permanecer un instante más en el puesto. Mi ansia es la vida privada; y á ella estoy resuelto á sacrificar todos los sentimientos y todos los afectos.”

Após o motim de Olañeta, a 18 de Abril de 1828, do qual Antonio José de Sucre sahio com um braço partido, — *la señal de la ingratitud de los hombres*, — esta deliberação avolumou-se. A familia era o allivio aos desenganos de seu coração bem aventurado.

Comtudo, na escuridão, havia quem afiasse punhaes. A fidelidade do Grande Marechal de Ayacucho ao Libertador e a popularidade que aureolava seu nome espicçavam os baixos instinctos de typos nada reverendos. Logo a principio de 1829, Lamar, que se revoltára, despacha ao cumanense invicto a seguinte nota:

“Cuando usted era capitán, yo era coronel; cuando usted fué coronel, yo fuí general; y cuando usted fué general, yo fuí Gran Mariscal; y, sin embargo, fué usted por consejos del Libertador elegido para mandar el Ejército Unido, irrogándoseme con ello un agravio que no he podido olvidar.”

Portanto, o irriquieto Lamar não alegava em seu favôr sinão resentimentos pessoaes e chatas leviandades, que não lhe atenuavam o crime de provocar o derramamento do sangue americano. Antonio José de Sucre, que reprovou sempre as guerras civís, retorquiu-lhe:

“Cuando usted era coronel, yo era capitán; cuando usted era general, yo era coronel; cuando usted era Gran Mariscal, yo era general; y, sin embargo, fuí preferido á usted para dirigir la guerra, poniéndoseme á mis órdenes el Ejército Unido. Ahora, señor Gran Mariscal, manda usted 10.000 hombres y yo apenas cuento 3.500, y anda usted por las alturas y no baja al llano á ofrecerme batalla, para probar quién de nosotros es más capaz para dirigir un ejército.”

E' escusado dizer que Lamar apanhou a luva e que Antonio José de Sucre o esmagalhou, a 27 de Fevereiro de 1829, no Portete de Tarqui.

“La carrera militar de Sucre (pontifica Antonio José de Iriarri) terminó en la gloriosa acción del Portete de Tarqui; terminó dejando el nombre del guerrero marcado con los sellos del valor, de la habilidad y de la clemencia. Esta noble carrera se hizo siempre en los campos de batalla, en que no fueron combatidos sino enemigos de la Independencia, ó enemigos exteriores que invadieron el territorio que Sucre debía defender.”

Agravou-se a situação do Grande Marechal de Ayacucho, quando a sua fama foi augmentada com este triumpho. José Ignacio Luque, sêr abjecto, projecta uma conjuração para assassinal-o e Antonio José de Sucre occulta os papeis que fundamentariam o espingardeamento de seu algôz.

O congresso constituinte de 20 de Janeiro de 1830, convocado por Bolívar, serviu de alvo á turba de *El Demócrata*, que metralhava, em linguagem de alcouee, os varões da emancipação que não desampararam a causa americana. Pelo seu merecimento, Antonio José de Sucre, eleito representante do Equador, assume-lhe a presidencia. Não o ponpon o pasquím da anarchia e, ás vésperas do regresso do Grande Marechal de Ayacucho, antecipa:

“Puede ser que Obando haga con Sucre lo que no hicimos con Bolívar, y por lo cual el Gobierno está tildado de débil, y nosotros todos, y el Gobierno mismo, carecemos de seguridad.”

Ninguém ignorava o que Obando reservava a Antonio José de Sucre. Houve avisos para que este não passasse pela província daquelle. E, de facto, dos bosques que marginam o caminho, adiante de Venta-Quemada, em pleno coração da montanha de Berruecos, a 4 de Junho de 1830, os sicarios do pastuso maldito fulminaram, com quatro tiros, o Grande Marechal de Ayacucho.

Mas Obando e seus cúmplices jazem no horrôr da condenação de Deus e dos homens. Ao contrario, a Antonio José de Sucre ajusta-se o preito de graças que Bolívar rendeu a Abdón Calderón em Pichincha. Quando as gerações futuras assistirem ao desfilar das almas eleitas, declinado o nome do Grande Marechal de Ayacucho, a uma voz todas clamarão:

— Morreu impavidamente em Berruecos, porem vive em nossos corações!